



VIAGEM À ARÁBIA SAUDITA

Um crime sobre a mesa

Em meio a críticas por encontro com o príncipe Mohammed bin Salman, presidente dos EUA afirma ter dito ao anfitrião que ele é culpado pelo assassinato do jornalista Jamal Khashoggi. Democrata prometeu "resposta", em caso de mortes de dissidentes

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que chegou ao Palácio Real Al-Salam, na cidade de Jidá, às margens do Mar Vermelho, Joe Biden cerrou os punhos e estendeu os braços em direção ao anfitrião, o príncipe saudita Mohammed bin Salman (MBS), que fez o mesmo. O presidente dos Estados Unidos e o homem acusado de instigar o esquitejamento do jornalista dissidente Jamal Khashoggi, em 2 de outubro de 2018, se cumprimentaram com um "soquinho", antes de um encontro que durou quase três horas. Ao fim da reunião, o também jornalista Peter Alexander, correspondente da NBC News na Casa Branca, gritou para Bin Salman: "Você vai se desculpar com a família de Khashoggi?". Após o impacto da foto da saudação rapidamente divulgada por Riad, Biden assegurou que abordou o assassinato "no topo do encontro bilateral" e relatou ter dito ao príncipe que o considera responsável pela execução do jornalista.

"O que aconteceu com Khashoggi foi escandaloso. Deixei claro que, se voltar a ocorrer algo assim, haverá uma resposta e muito mais", comentou o democrata. "Deixei claro sobre o que eu pensava na época e o que penso neste momento. Fui direto e coloquei meu posicionamento claramente. (...) Eu disse a ele que um presidente norte-americano permanecer calado em relação aos direitos humanos seria inconsistente com quem nós somos e com quem eu sou. Sempre me levantei em defesa de nossos valores", declarou Biden. Ele contou aos repórteres que MBS afirmou-lhe não ter sido "pessoalmente" responsável pela morte de Khashoggi. "Eu indiquei a ele que achava que sim. Ele disse que agiu contra aquelas pessoas que foram responsáveis (pelo crime)."

Hatice Cengiz, noiva de Khashoggi, disse que Biden tem "as mãos sujas de sangue". Ela usou o perfil do colunista do jornal *The Washington Post* para tuitar como se ele estivesse vivo. "É essa a forma de prestar contas que você prometeu pelo meu assassinato? Você carrega em suas mãos o sangue da próxima

vítima de MBS", escreveu. Às 16h50 de ontem, Hatice falou ao *Correio* e não poupou críticas ao norte-americano (**leia Três perguntas para**).

Ao ser questionado por um jornalista sobre as palavras da noiva de Khashoggi, Biden respondeu: "Eu sinto muito que ela se sintasse assim, eu fui direto naquela época e fui direto agora". Ele garantiu não se arrepender de nenhuma declaração sobre o caso Khashoggi. Quando candidato à Casa Branca, Biden tinha prometido manter o status de "pária" da Arábia Saudita. Após a eleição, tornou público um relatório secreto que acusava MBS de envolvimento na conspiração para assassinar o colunista.

Fred Ryan, editor do *Washington Post*, considerou que "o soco entre o presidente Biden e Mohammed bin Salman foi pior do que um aperto de mão — foi vergonhoso". "Ele projetou um nível de intimidade e conforto que entrega a MBS a redenção injustificada que ele procura desesperadamente", desabafou.

Petróleo

Apesar da abordagem do tema dos direitos humanos, o assunto mais estratégico da viagem de Biden é o petróleo, no momento em que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia ameaça a redução de oferta do combustível e a inflação atinge 9,1% em 12 meses nos EUA — o patamar mais alto desde 1981. Norte-americanos e sauditas firmaram vários acordos, como a expansão do suprimento do petróleo, a construção de redes de telecomunicações 5G e a ampliação da tregua no Iêmen.

Professor de Estudos do Oriente Próximo e diretor do Instituto de Estudos Transregionais da Universidade de Princeton, Bernard Haykel acompanhou, em Jidá, a visita de Biden. Por telefone, ele disse à reportagem que a ida do presidente norte-americano ao reino é um sinal de que "os EUA reconhecem a importância da Arábia Saudita como ator nos temas globais, na economia e na questão energética". "A viagem reverte a posição de Biden em relação ao regime de

Bandar Algatoud/AFP



Mohammed bin Salman (D) e Joe Biden se cumprimentam com "soquinho" no Palácio Al-Salam, em Jidá

Mohammed Alshaiikh/AFP - 15/12/14



Barbárie no consulado em Istambul

Jamal Khashoggi, 59 anos, colunista do jornal *The Washington Post* e crítico do regime saudita, foi assassinado e esquartejado por um esquadrão da morte, em 2 de outubro de 2018, no consulado saudita em Istambul, na Turquia. Ele havia comparecido à representação diplomática para recolher os documentos necessários para se casar com a noiva turca, Hatice Cengiz. Khashoggi teria sido sufocado com um saco plástico e decapitado, antes do esquartejamento.

Riad. Mas a visita surtirá resultados tímidos. Não creio que muitas coisas concretas possam surgir dela. Por exemplo, não acho que os sauditas aumentarão a produção de petróleo para atender a uma demanda dos Estados Unidos nem condenará a Rússia pela invasão à Ucrânia", disse. Em relação ao Irã, Haykel explicou que, com o fracasso do acordo nuclear, Estados Unidos e Arábia Saudita precisarão reavaliar a sua posição sobre Teerã. Para ele, o cumprimento entre Biden e o príncipe MBS deve

ser interpretado como um gesto "apropriado" dentro do protocolo de prevenção à covid-19. Por sua vez, Mohammed Alyhya, especialista da Iniciativa sobre Oriente Médio do Centro Belfer da Universidade de Harvard, classifica a viagem do democrata como um fato importante. "Ela traz clareza não apenas para os EUA e para a Arábia Saudita, em nível bilateral, mas também em âmbito multilateral, entre os países-membros do CCG. Os atores regionais buscam clareza sobre como os EUA

veem sua arquitetura de segurança na região. Ela afastará o Oriente Médio em direção à China? Forçará a um realinhamento com o Irã?", questionou ao *Correio*, por e-mail.

De acordo com Alyhya, uma relação ruim entre Riad e Washington é prejudicial para ambas as nações. "O assassinato de Khashoggi foi um crime hediondo, que foi amplamente condenado pela Arábia Saudita. Os próprios sauditas tomaram medidas para garantir que algo assim nunca volte a ocorrer", comentou o especialista.

Três perguntas para

Tiziana Fabi/AFP



Hatice Cengiz, noiva do jornalista Jamal Khashoggi, assassinado e esquartejado dentro do Consulado da Arábia Saudita em Istambul, em 2 de outubro de 2018

Qual foi a reação da senhora ao ver a imagem do presidente Biden cumprimentando o príncipe Mohammed bin Salman com um "soquinho"?

É uma imagem decepcionante, que mostra que o negócio está além de todos os nossos esforços para buscar a justiça. O cumprimento de ambos, infelizmente, mina fortemente os esforços de todas as pessoas que lutam por nossa ética e pela moral.

No passado, Biden acusou Bin Salman de ser um pária, após o assassinato de Khashoggi. Como a senhora vê essa mudança de mentalidade do presidente dos EUA?

Ele alegou que era um democrata diferente durante sua campanha presidencial. No entanto, ao quebrar sua promessa (de buscar justiça), mostrou que não era.

Se pudesse, o que diria para Biden depois desse encontro de hoje (ontem)?

Eu diria a ele: "O senhor, presidente, deve justiça a Jamal". (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

General Inverno entra em campo

A Europa ainda torra sob as temperaturas extremas de mais um verão típico das mudanças climáticas. Mas, em alguns dos gabinetes do poder, os responsáveis pelo crítico setor de energia já apontam os radares para o horizonte do fim do ano, onde vai tomando forma um inverno que promete dificuldades para milhões de residências — sem falar em setores inteiros da indústria.

Quem assombra os governos da União Europeia é um fantasma que tem o hábito de entrar em cena sempre que a Rússia enfrenta uma guerra — como ocorre desde a invasão da Ucrânia, em fevereiro. Neste início de século 21, o famoso General Inverno se apresenta algo diferente de quando ganhou créditos pela derrota de Napoleão

Bonaparte, nos 1800, e de Adolf Hitler, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O frio, em lugar de castigar tropas estrangeiras na estepe russa, ronda agora os adversários de Vladimir Putin no próprio campo.

A Alemanha, que nas últimas décadas construiu com Moscou uma relação privilegiada para receber gás natural, estuda medidas para fazer frente à possível interrupção permanente do fornecimento. O ministro da Economia, o ecologista Robert Habeck, fez soar o alerta e denunciou o uso da commodity como "arma de guerra". Da perspectiva do Kremlin, trata-se de resposta às seguidas baterias de sanções econômicas e diplomáticas impostas pela UE, assim como pedidos EUA e pelos aliados da Otan.

Sabendo usar...

Desde o mês passado, o governo de Berlim se debruça na costura de medidas para contornar o impasse, com base na convicção de que a guerra na Ucrânia não tem solução próxima à vista. Em uma das linhas de ação, começam a tomar forma planos de contingência para reduzir o consumo — ainda alguns passos atrás de um racionamento em sentido estrito. O fornecimento via gasoduto Nordstream 1, que abastece vários países europeus, foi reduzido em junho para 40% da capacidade, a pretexto alegado de problemas na manutenção, comprometida pelas sanções.

Especialistas do setor coincidem na avaliação de que, se a situação não se normalizar em agosto, o governo de Berlim terá de subir o nível de alerta relativo ao consumo de gás para o grau 3 — o mais elevado. Além de encaminhar a economia para uma recessão, a medida terá como resultado o racionamento efetivo em pleno inverno.

...não vai faltar?

Habeck representa os Verdes no governo de coalizão chefiado pelo chanceler Olaf Scholz, do Partido Social Democrata (SPD). Assumiu a pasta da Economia com a missão de acelerar a transição do país à era pós-combustíveis fósseis. Os planos foram atravessados pelo conflito na Ucrânia: de cara, como represália, a Alemanha suspendeu a certificação do gasoduto Nordstream 2, construído com aporte maciço de capital alemão. Em fevereiro, 55% do gás consumido pelo país vinha da Rússia. Hoje, a taxa é ainda de 40%.

Nos próximos meses, Verdes, SPD e os aliados liberais terão de encontrar alternativas de fornecimento para garantir o calor dentro de casa no inverno.

Caso antigo

Desde os anos 1970, sob a batuta do chanceler social-democrata Willy Brandt, a então Alemanha Ocidental adotou como um dos eixos centrais de sua diplomacia a

Ostpolitik. A construção de pontes com a hoje extinta União Soviética chegou muito além do propósito imediato de facilitar a convivência com a Alemanha Oriental (comunista) e relaxar tensões da Guerra Fria. Foi decisiva para a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a reunificação pacífica da Alemanha, um ano mais tarde.

Desde então, sucessivos governos de Berlim tiveram um olhar estratégico na direção de Moscou, especialmente no terreno econômico, com a pauta energética no centro. Não por acaso, o último social-democrata a ocupar o cargo antes de Scholz, Gerhard Schröder, tornou-se executivo-chefe da gigante russa Gazprom — justamente a responsável pelo Nordstream.

Veio para confundir

Vladimir Putin, que comanda o Kremlin desde o primeiro dia do ano 2000, manobra no campo minado das relações complexas entre os adversários com a desmoldura de quem construiu na Alemanha dividida a carreira de agente da

KGB, misto de agência de espionagem e polícia política na URSS. A Gazprom cortou o fornecimento para Polônia, Bulgária, Holanda, Dinamarca e Finlândia, que recusaram a exigência de pagamento em rublos.

No âmbito da Otan, Moscou conseguiu abrir uma fenda explorando a carta da manutenção do Nordstream 1. O Canadá está sob crítica dos sócios na aliança militar, liderada pelos EUA, por ter aceitado entregar uma turbina russa enviada para reparos em Montreal. Acusado pela Ucrânia de ceder "à chantagem", o premiê Justin Trudeau defendeu a "decisão difícil" tomada por seu governo, reafirmou o apoio a Kiev e renovou a crítica a Putin por "transformar um gasoduto em arma de guerra".

Investindo nas brechas que é capaz de entrever na muralha ocidental, Putin atualiza uma "máxima" cunhada na tevê brasileira pelo inesquecível Chacrinha. O Velho Guerreiro costumava proclamar: "Eu não vim para esclarecer, vim para confundir".